

ANIMAR PARA A PAZ NA COLÔMBIA

Zacarias Tamejon
tzack12@gmail.com

RESUMO: O texto faz um relato histórico descritivo sobre a guerra, o conflito e a violência na Colômbia, apresenta o desejo do povo de viver na paz e na tranquilidade para o bem estar. São mais de 50 anos de guerra de maneira absurda e ilógica. Podemos afirmar que como evangelizadores, não podemos estar a margem desta profunda aspiração por paz. Como articular o agir missionário num contexto voltado para a procura da paz? Para determinar nossa tarefa nesta situação, é preciso compreender o que está acontecendo no conflito colombiano, trabalhando pela construção de uma paz estável e duradora.

ABSTRACT: The descriptive text makes a historical account of war, conflict and violence in Colombia, to present the desire of people to live in peace and tranquility for the well-being. They are more than 50 years lasting war so absurd and illogical. We can say that as evangelizers, we cannot stand apart from this profound aspiration for peace. How to articulate the missionary action in a context completely turned to the search for peace? To determine our work in this situation, we need to understand what is happening with the Colombian conflict, working on building a stable and lasting peace.

INTRODUÇÃO

A guerra, a violência, o conflito¹ ... cansam! Sim, que canseira! Já são mais de 50 anos dessa violência. A guerra chateia e desgasta, até ficar absurda e ilógica. A única coisa que a Colômbia quer neste momento histórico é um pouco de paz e de tranquilidade. O desejo mais sagrado é a paz. Com a paz esperam-se muitas bênçãos, bem-estar, prosperidade e crescimento econômico. Por isso, a paz é o desafio decisivo para o futuro do país.

¹ No artigo, ao falar de guerra, de conflito ou de violência nos referimos unicamente ao levante em armas contra o estado. Não podemos esquecer as outras formas de violência tal como a delinquência comum, a violência ordinária, intrafamiliar e de gênero (maltrato as mulheres).

Sempre o povo colombiano desejou a paz e a apostou nela². Até agora os diálogos pela paz realizados em Havana, animaram e voltaram a despertar a esperança que é possível a paz, mesmo que muitos continuam desconfiados pelas experiências do passado e pelo receio com os políticos.³ Ainda se acrescenta o medo de que as negociações terminem num acordo mesquinho, onde os carcos saem ganhando, as vítimas esquecidas e a justiça abandonada. Todos esses medos, portanto expressam a indiferença dos colombianos para com os atuais diálogos.

Como evangelizadores não podemos estar à margem desta profunda aspiração pela paz. Devemos saber contextualizar a realidade, porque a palavra de Deus não é dirigida à pessoa atemporal, a-histórica, mas ao indivíduo concreto; acreditamos que toda obra missionária na Colômbia, tem que ser projetada na busca e na construção da paz. Esta é uma obra gigante que precisa o aporte de todos, para devolver ao país um rosto mais brilhante.

Então, fica a pergunta, de como podemos contribuir com o atual processo de paz na Colômbia: como articular nossa ação missionária num contexto voltado na busca da paz? Para determinar nossa tarefa nesta situação, é necessário compreender o que está acontecendo com o conflito colombiano.

O esforço por esclarecer o conflito, nos leva a levantar num primeiro momento, as razões do conflito armado na Colômbia. Num segundo tempo, serão apresentados os impactos da guerra e finalmente, num terceiro tópico se buscará oferecer alguns pontos para uma ação missionária, orientada para a busca e a construção de uma paz estável e douradora.

² Mais de dez vezes se procuraram caminhos para a paz. Com os diálogos em Havana, é a undécima vez e espera-se que seja vencedor o diálogo. Cf. <http://www.kienyke.com/politica/los-diez-intentos-fallidos-de-proceso-de-paz-en-colombia>. Acesso: 15/03/2016

³ Ainda estão vivas as lembranças das tentativas de diálogo da paz em Caguán, começadas pelo governo do presidente Andrés Pastrana (1998-2002) com a famosa imagem da “cadeira vazia” onde se vê o presidente sozinho sem a presença dos interlocutores das FARC e com a famosa zona de distinção, ou seja zona de despejo ou zona desmilitarizada que retornou aos lugares de atividades ilícitas.

1. COMO SE EXPLICA A GUERRA EM COLÔMBIA⁴

Dois enfoques interpretativos se confrontam para explicar o conflito na Colômbia. É uma verdadeira guerra de interpretações⁵: cada enfoque pretende dar a leitura exclusiva do conflito. Esses enfoques se classificam desde uma determinação tradicional entre o grupo das “causas subjetivas” e o grupo das “causas objetivas”

1.1 Um conflito multifatorial ou das causas subjetivas

A partir deste enfoque, se explica a guerra como resultado da decisão pessoal dos atores armados de empunhar as armas movidos pela cobiça. Aqui se entende o conflito armado como um conjunto de interesses privados de pessoas ou de associações.

Os que sustentam esta tese explicam a guerra como um conjunto de vários fatores que dependem geralmente da aparição de um ator armado. Podemos destacar os seguintes fatores causais:

A questão agrária⁶: o problema da terra é assinalado como o principal dos fatores desencadeadores do conflito armado. Nunca foi possível fazer uma verdadeira reforma agrária. Pois, a questão agrária é a questão dos latifundiários: o problema do acesso à terra e à titulação da terra é gerado quase sempre pela violência ou pelos jogos políticos. Todos os analistas estão de acordo que os primeiros conflitos estouraram pelo problema da terra.

⁴ Buscamos inspiração, em grande parte, no documento que foi produzido pela Comissão Histórica do Conflito e suas Vítimas: *Contribuição ao Entendimento do Conflito Armado na Colômbia*, Ediciones desde abajo, 2015.

⁵ Oferecemos uma ilustração da guerra de interpretação do conflito: “qualquer exercício da política que comparada demonstra que não houve na Colômbia - nem noutro país - nenhuma característica que possa-se chamar estrutural ou objetiva, que determinaria fatalmente a ocorrência da guerra.” (GIRALDO, p. 513).

⁶ Dos pesquisadores que apresentaram o informe à Comissão Histórica do Conflito e suas Vítimas, não existe um deles que não fale da luta agrária como o epicentro do conflito na Colômbia. O informe de Dario Fajardo, estudo sobre as origens do conflito social armado, razões da persistência e seus efeitos mais profundos na sociedade colombiana apresenta com abundantes detalhes o problema da terra na Colômbia, oferecendo os pormenores da luta pela terra. (pp. 4-31).

O narcotráfico: o comércio florescente da droga⁷ ou a indústria cocaleira que tem se infiltrado em quase todas as esferas da sociedade colombiana. Na política fala-se de narcopolítica, isto é, todos os atos políticos que beneficiam aos donos da droga, tanto em nível nacional como em nível regional. Os chefões do narcotráfico querem-se impor, muitas vezes, por meio de negociações, subornos ou violência com todos os políticos, por exemplo para evitar extradições para os Estados Unidos.⁸

O narcodineiro ajudou muito na compra de terras. Os novos chefões, aos poucos tornaram-se terra-tenentes comprando à força e a um preço fictício as terras dos colonos. Inclusive, os chefões do narcotráfico, para se proteger e para o cuidado da mercadoria, têm construído verdadeiros exércitos pessoais. O que gerou ainda mais violência.

A fragilidade do Estado: no sentido de não conseguir o monopólio da força por várias razões⁹, não tem boa capacidade infra-estrutural para proteger a todos os cidadãos e para defender todo o território de qualquer ameaça. O Estado falha muito na sua governança. Isso, é comprovado na corrupção administrativa, com vários casos de delito fraudulento, e na ineficácia das instituições por não serem efetivas na captura de delinquentes.

A liderança política colombiana: a esta lhe são atribuídos os mortos da guerra por dirigir o país de uma maneira dissimulada, sem projetos políticos e sem projetos sociais. Nunca existiu um projeto para o país, não se sabe para onde se quer levar a nação. Se acusa a liderança colombiana por não saber reagir de maneira adequada diante dos problemas, como é o caso do con-

⁷ Mesmo sendo o principal foco de interesse, não é somente o narcotráfico que alimenta a guerra em Colômbia: outros grandes recursos como petróleo e minérios estão em jogo.

⁸ Recordamos toda a luta sangrenta de Pablo Escobar. Todos os traficantes da droga tinham o lema “Melhor uma tumba na Colômbia que uma prisão nos Estados Unidos”. O que significa que estavam dispostos a evitar qualquer extradição.

⁹ Cf. RAMIREZ, Jorge Giraldo. Política y guerra sin compasión. *Comisión Histórica del Conflicto y sus Víctimas*. Ediciones desde abajo, 2015, pp. 480-489

filito armado. A única política que vinga é a de permitir favores para permanecer no poder. Uma política baseada unicamente nos interesses particulares mais que interesses públicos. As lideranças políticas passam o tempo inteiro fazendo favores políticos aos amigos. É tão claro que um observador da sociedade colombiana faz o seguinte comentário: “... O verdadeiro secreto do desenvolvimento está numa classe dirigente que tem o sentido do bem público e um projeto nacional”.¹⁰

A ingerência dos Estados Unidos¹¹: a monitoria dos Estados Unidos impõe uma agenda ao país. O caso mais recente é o do “Plano Colômbia”, por meio do qual a ação de Norte América quer combater o narcotráfico, sem ter em conta os interesses do povo colombiano.

Os grupos de segurança privada: muitas vezes na luta contra os levantes, engajaram-se grupos armados privados, tais como polícias subnacionais e de autodefesas, conhecidos como paramilitares. Estes grupos privados têm obtido um amparo legal, com o fim de ajudar a conter a violência. Contudo, o remédio foi mais letal que a mesma doença: estes grupos se desvirtuaram e terminaram incrementando a violência, até mesmo em níveis descontroláveis. Não são contados os massacres proporcionados pelos paramilitares e suas implicações, com seus métodos brutais nas políticas regionais.

1.2 Um conflito sistemático ou das causas objetivas

Este segundo enfoque lê o conflito colombiano de maneira estrutural: ou seja, insiste que a guerra na Colômbia se explica pelo sistema vigente que rege as estruturas políticas, sociais e econômicas do país.

¹⁰ GÓMEZ BUENDÍA, Hernando. *El lío de Colombia ¿por qué no logramos salir de la crisis?* Tercer mundo editores, 2000, p. 231

¹¹ Cf. MORENO, Javier Giraldo. *Aportes sobre el origen del conflicto armado en Colombia, su persistencia y sus impactos*. Comisión Histórica del Conflicto y sus Víctimas. Ediciones desde abajo, pp. 456-462.

O que importa não são tantos os episódios de violência, mas o quadro geral em que são desenvolvidas as ações bélicas. Pois, se pretende explicar o conflito desde um “relato geral, no qual são privilegiados os processos e as tendências, antes dos fatos ou acontecimentos particulares”.¹² “Este enfoque privilegia a existência do sistema social determinando, como necessário referente dos processos e ações que acontecem na sociedade, sem determinismos mecânicos, nem causalidades diretas, pois não existe analogia alguma com o que acontece no mundo físico”.¹³

Neste entendimento se reconhecem todos os fatores explicativos, mencionados anteriormente, contudo interpretados desde uma estrutura mais englobante que põe em evidência que a causa da guerra é o sistema capitalista neoliberal, que abarca as estruturas desde os inícios da construção do país, até hoje.

*Insegurança e subversão são inerentes ao ordem social capitalista imperante no nosso país. Se a subversão assumiu também a expressão da rebelião armada, isto se explica essencialmente pelas condições histórico-concretas de construção e reprodução da ordem social.*¹⁴

Entende-se que a aplicação dos princípios do neoliberalismo financeiro em vários campos da vida socioeconômica¹⁵ e a construção de políticas inspiradas no modelo capitalista neoliberal, tem acentuado o conflito, dando mais razões aos levantes em armas e

¹² ESTRADA, Jairo. *Contribución al entendimiento del conflicto armado en Colombia*, p.196-297

¹³ MONCAYO Víctor Manuel. Hacia la verdad del conflicto: insurgencia guerrillera y orden social vigente de la historia. *Comisión Histórica del Conflicto y sus Víctimas*. Ediciones desde abajo, 2015, p.111

¹⁴ ESTRADA, p. 297

¹⁵ Podemos identificar várias formas da aplicação do modelo capitalista na sociedade colombiana. Porém, somente queremos recordar que desde 1989, toda a política orientou-se para a “apertura econômica” favorecendo o setor privado, os tratados de livre comércio, a privatização de todas as empresas públicas. No sistema neoliberal não importa o tema da distribuição de renda, mas o crescimento “se destacam as considerações da eficiência sobre o social ... Emitir notas para salvar bancos privados, isso está bem, mas emitir para salvar hospitais está mal ...” MONTENEGRO GARCÍA, Álvaro. Apertura, crecimiento económico y distribución del ingreso, in *Revista Javeriana*, 805 (Junio 2014).

favorecendo a violência. De fato, o sistema capitalista ganancioso é sobretudo mono-político, com base na falsa competência que favorece uma minoria. Daí que no sistema capitalista marcado pela hegemonia do capital financeiro, com uma crescente trans-nacionalização do processo econômico, o estado tem diminuído suas tarefas mais óbvias, como proteger a população, garantir a saúde e a segurança¹⁶: o confronto é inevitável, tanto para manter o status, como para mudar a ordem estabelecida.

2.0 PREÇO DA GUERRA

A guerra tem um custo, é uma empresa que impacta seriamente a vida de todos, tanto dos combatentes quanto dos civis. Estes últimos, são os que têm pagado um preço muito alto à guerra da Colômbia. A população civil geralmente é vulnerável, fraca e sofre o maior impacto da guerra. Como diz o provérbio africano: quando lutam os elefantes, a erva é que sofre. O maior processo da vitimização se registra nos que menos tem que ver com a guerra.¹⁷

Várias vezes a população civil sofreu o ataque deliberado dos atores armados do conflito colombiano, incorrendo assim na violação do direito internacional humanitário¹⁸, de mortes, de danos físicos, materiais e até traumas psicológicas, são estes os

¹⁶ Existe uma crescente privatização em todos os setores públicos. A educação, os serviços públicos, a saúde, a energia ... quase tudo está nas mãos do setor privado. O Estado se converteu numa mera instituição de arrecadação de impostos. É a alienação do capitalismo atual que tende acabar com a soberania das nações.

¹⁷ Se estima que houve 80 civis mortos por cada membro morto do governo armado entre 1985-2000. 380 civis para cada morto no combate a partir de 2000 até hoje. Cf. GIRALDO MORENO, Javier, p. 463

¹⁸ Cf. FERNÁN E. GONZALEZ, Ingrid J. BOLÍVAR y VÁZQUEZ, T. *Violencia política en Colombia, de la nación fragmentada a la construcción del estado*. Bogotá: Cinep, 2003, pp. 98-99. As violações cometidas pelos combatentes armados contra os civis se repartem em quatro grupos. O primeiro se caracteriza pelo uso de meios ilícitos da guerra, como as minas contra as pessoas. O segundo se caracteriza por métodos ilícitos da guerra, como os ataques indiscriminados e desproporcionados. O terceiro se define pelo ataque contra objetivos ilícitos, como os bens civis, culturais e religiosos. O último se reconhece pelo trato indigno ao ser humano, como o recrutamento de menores, seqüestros, o uso reféns como escudos humanos.

resultados ou as consequências da violência que sacude a terra colombiana, faz mais de meio século.

Sem pretendermos sermos sensacionalistas, vamos destacar os seguintes pontos: **os assassinatos seletivos**, quer dizer, a matança deliberada de algum político ou sindicalista; **os massacres**¹⁹, aonde se ataca indiscriminadamente a população civil indefesa, com o pretexto que nela estão refugiados os adversários armados do bando oposto ou como retaliação²⁰, devido ao assédio que se vive nos combates; **os equívocos constantes**, onde as forças regulares do exército têm matado mais de 3450 civis, fazendo-os passar por guerrilheiros; **despejos e deslocamentos forçados**, se diz que na Colômbia existe um despejo a cada dez minutos.²¹

Tudo isso traduz a amplitude do fenômeno. Milhões de pessoas são obrigadas a abandonar suas casas para salvar a vida, migrando para as cidades, aonde formam verdadeiros cinturões de pobreza.²²

Lembramos o último ataque a um oleoduto, que derramou petróleo num rio perto de Tumaco²³, ocasionando um terrível dano ambiental. Vários povoados ficaram sem eletricidade por vários dias.

Fora destes efeitos visíveis da guerra, existem outros efeitos invisíveis e inclusive intangíveis²⁴, que não podem ser desconsiderados e que muitas vezes são os efeitos mais perniciosos. Avaliamos que, coabitar com a violência da guerra por tanto tempo deteriora a psique das pessoas. A guerra traumatiza, danifica a

¹⁹ A massacre mais conhecida é a de Bojaya no pacífico colombiano (Chocó)

²⁰ Cf. informe Gustavo Ducan, p.25.

²¹ Cf. <http://www.elespectador.com/noticias/judicial/colombia-hay-un-desplazado-cada-10-minutos-articulo-424906>.

²² Cf. Informe Gustavo Duncan, pp. 12-20.

²³ Cf. <http://www.eltiempo.com/estilo-de-vida/ciencia/crimen-ambiental-en-tumaco-mancha-de-crudo-ya-se-extiende-por-7-km-de-playa-de-tumaco/16006816>. Acesso em 15/03/2016.

²⁴ Jairo Estrada Álvarez, art. cit. p.355.

mente e os corações, desordena os projetos da vida pessoal e familiar, muda o imaginário de todo um povo, leva para o avesso todos os valores morais e éticos e destrói as tradições positivas. Um verdadeiro desastre, uma crise moral. Estas são as consequências mais duras da guerra relatada.²⁵

A insensibilidade ou banalização da vida: vindo a mesma guerra por muitos anos, anestesia a consciência. Tudo parece normal. Um morto mais, um morto menos e tudo segue igual. O drama não comove. Primeiro porque as pessoas são impotentes para impedir e também por ser um mecanismo de proteção, uma blindagem psicológica para poder sobreviver num contexto de violência cotidiana. A violência que provoca insensibilidade, se incrementa à mentalidade capitalista que gera sempre mais indiferença para com os outros. Se vive uma verdadeira banalização da vida e da morte. A sociedade não se abala ao ver a reação das pessoas, diante das notícias de assassinatos.

A cultura mafiosa: é o outra herança da guerra; tudo é solucionado pelas “forças maléficas”. A falta de argumentos levam ao uso de punhos e “chumbo”. As ameaças são a principal argumentação: “tenho meu povo” “você não sabe com quem está falando”; estas frases são usadas para fazer valer a argumentação pela força. Porque a população (sem generalizar) se acostumou a solucionar as dificuldades cotidianas recorrendo à violência dos atores armados. Sem falar do dinheiro fácil e da ganância rápida.²⁶

A cultura da suspeita: que se traduz por uma excessiva prudência para com o cidadão. Este efeito da guerra se aproxima do medo do outro ou pelo menos do olhar com desconfiança. O clima do conflito favoreceu a intolerância para o que não é do

²⁵ Esclarecemos que não estamos subestimando os milhões de vítimas ou as atrocidades e as distintas formas de violações aos direitos humanos.

²⁶ A cultura mafiosa expressa-se em múltiplos comportamentos e práticas cotidianas: o favorecimento a uns em detrimento de outros, a cultura da máfia e do dinheiro fácil, o tráfico de influências, a justificação da vivacidade e a lei do mais forte são mecanismos de mobilidade social, entre outros”. In *Encuentros Regionales para la Paz, La construcción de la Paz, desde los territorios*, p.15

mesmo bando. Daí que aquele que pensa diferente é inimigo e ha com ele rejeição total. Vai-se mais longe: instaura-se o medo para inibir as opiniões por medo às retaliações.

A desconfiança com as instituições da justiça e da polícia: esta desconfiança acentua-se mais agora que o Estado privatizou quase todas as empresas estatais. Além disso, não se passa um dia sem que se aconteça um escândalo de corrupção nas instituições. Tudo isso, acrescenta ainda mais a crise de desconfiança entre os cidadãos e os dirigentes.

3.A IGREJA E A PAZ NA COLÔMBIA

Evangelizar é essencialmente levar a mensagem de paz à humanidade. Desde sempre tem sido o legado da Igreja: pacificar a toda a humanidade no nome do princípio da paz. Jesus deixou bem claro os discípulos: quando entrem numa casa, a primeira coisa que devem dizer é “a paz esteja nesta casa” (cf Lc 10, 5-6). Não é novo falar da evangelização para a paz. A novidade seria reconsiderar este anúncio da paz, lhe dar um conteúdo e uma metodologia que favoreçam uma melhor assimilação. Uma espécie de evangelização 2.0 ou 3.0 e até 4.0.

Neste momento histórico em que a Colômbia deseja a paz, a Igreja não pode ficar feliz com uma evangelização de “cartas pastorais” contra a violência, que passam como correspondência pela agência do correio, em outras palavras, sem nenhum efeito concreto. A Colômbia precisa de todos os recursos humanos e institucionais para pacificar o país. Nisso, a Igreja não pode ficar para atrás. Todas as instituições eclesíásticas devem de se empenhar nesta tarefa.

Nós, missionários na Colômbia, temos que aportar nosso grão de areia na construção de um país pacificado, promovendo uma ação missionária que suscitem vocações para a paz. É tempo de questionar sobre o que deve ser nossa tarefa na luta pela paz. Temos que questionar a nossa práxis evangelizadora e realizar ações missionárias enfocadas na construção da justiça e da paz.

3.1. Uma evangelização 2.0

Um passo importante seria questionar nossa pastoral, muitas vezes conservadora e sacramentalista, caracterizada por liturgias demasiado celestes, mas desconectadas da realidade das pessoas. Ao povo cristão se lhe deve ensinar a ouvir o celestial, mas também a caminhar com passo firme na terra. O desafio das liturgias é fazer da *lex orandi* uma *lex vivendi*, ou seja, o que é celebrado, seja também, o que é vivido.²⁷ Um verdadeiro desafio para toda ação missionária: ligar a fé com a vida no cotidiano. De fato, não se pode explicar toda a violência num país tradicionalmente católico²⁸, que tem nas costas mais de 500 anos de evangelização. Alguma coisa não funcionou na recepção ou na transmissão do Evangelho? Não somos os primeiros a questionar este aspecto. Desde que começou a violência, já muitos se perguntavam ao respeito:

Ao analisar a violência, é honesto confessar que a Igreja está demasiado longe de ter conseguido uma impregnação religiosa positiva da pessoa colombiana. Alguma coisa falhou: o método catequético? A pastoral paroquial? A psicologia de massas? A preparação básica nos seminários distanciada da realidade concreta? O aburguesamento do clero, que muitos falam da despreparação e alguns o condenam a gritos? Disjunção do binômio leigo-sacerdote? Inconsciência do leigo quanto às responsabilidades apostólicas e de integração eclesial? ...²⁹

Se tem dito que nosso povo possui um conceito supersticioso da deidade e do mundo. Para a pessoa colombiana, a religião

²⁷ Não podemos esquecer as suspeitas marxistas para com a religião como o “ópio do povo”. Não podemos ser a religião da paz celeste, mas uma igreja que une o céu com a terra promovendo a paz, a justiça como consequência do ser cristão.

²⁸ “Muitas vezes se tem perguntado, por quê ao proclamar-se tão católicos os colombianos, pode surgir o fenômeno da violência. Católicos todos ... mas com uma atitude cristã de tradição, distante da vida da graça, do corpo místico de Cristo, como única interação chamativa, da caridade como plenitude vital, da filiação divina, como norma da relação social, da justiça como óleo penetrante, do compromisso como exército do amor” GUZMÁN, BORDA Y UMAÑA. *La violencia en Colombia*. Tomo 1. Bogotá: Taurus historia, 2005, p.293.

²⁹ Ibid, p. 296.

dá sentido à vida e norma fortemente a conduta? A crença se fundamenta mais no temor que no amor? Está, portanto, mais próxima ao totem que ao Messias? Certamente gosta mais do externo, do vistoso ou barulhento, que do sossegada elaboração interior. Para ele as festas da igreja com pólvora, música e altares multicores de papel são espetáculos que mexem totalmente a emoção. Aqui a religião nunca passou do gesto, quer dizer, dos ritos. Nunca chegou a ser pacto íntimo de cada indivíduo com Deus. Não foi ato.³⁰

Tudo isso mostra que a situação de violência pode traduzir certo fracasso da evangelização. Daí que a animação missionária na Colômbia deve buscar afiançar o legado espiritual do povo, para que a mensagem evangelizadora impregne as estruturas mais profunda do ser. Um “camelo”³¹ bastante sério para todos os agentes de evangelização!

Outro passo, seria levar a ação missionária na trilha do “desarme revolucionário” que começa por revolucionar as emoções: se trata de ir semeado uma certa espiritualidade da paz, ou seja, uns pontos que permitam alcançar uma paz douradora que vai além do silenciar os canhões da guerra.

3.2 Desarme revolucionário ou desarmar os corações

Trabalhar antes que mais nada em desarmar os corações dos colombianos. Após tantos anos de guerra, de frustrações acumuladas, de rancores, não é fácil se desfazer dos fantasmas da guerra. Pois, a atividade missionária na Colômbia deve procurar pacificar os corações, ou seja armar o coração do colombiano de valores, cujas raízes estão no Evangelho, que permitam a construção da verdadeira paz e harmonia. É necessário convenceremos que a base da paz é a cultura espiritual e ética. O que não significa desconhecer as outras exigências de reestruturação do sistema socioeco-

³⁰ Ibid, pp. 292-293.

³¹ É uma expressão própria da Colômbia para falar de um trabalho árduo.

nômico e político para uma melhor reparação e participação da riqueza nacional e do poder.³²

Trabalhar pela reconstrução do tecido social: a guerra acabou com a confiança entre os colombianos e o capitalismo neoliberal consumista destróçou as tradições positivas e as redes de confiança. Neste processo de reconstrução, recuperar os valores ancestrais pode ser determinante já que “têm como base a solidariedade e a cooperação, numa nação mais integrativa ... em valores ancestrais de proteção e cuidado da comunidade”.³³

Colaborar com todos os homens e mulheres de boa vontade que lutam pela paz na Colômbia: na atividade missionária não podemos ignorar a presença de todas as forças, ou organizações sociais que trabalham pela paz e a reconstrução do país. Por que a paz deve ser um processo federativo de energias.

“Os bons somos mais”³⁴: de repente, algum coração maldoso pensante e generalizador pode crer que todo mundo é violento. “Os bons somos mais” é o lema que manifesta que, no país existe um grupo grande de pessoas que acredita na paz e na honestidade. As vezes se dá mais destaque ou chamam mais atenção os violentos, os corruptos e os malvados. Esquece-se que existe uma boa faixa da população com bons princípios éticos, morais e com um bom código de convivência fraterna. Se trata de não enxergar a violência ou inimigos por todas partes. “Os bons somos mais”, pode ser um conceito que entusiasma e mobiliza as energias, o que faz compreender que a terra colombiana é fértil para semear a reconciliação e colher a paz.

³² QUIROGA Luis Augusto Castro. *El caballero de la triste armadura*. De los compromisos de paz y postconflicto. San Pablo, 2015, pp.68-72. Oferece as mudanças estruturais tais como uma política econômica que não atrapalhe os camponeses, ter uma distribuição igual dos ingressos, fazer boa inversão social, etc. São mudanças que são necessárias para evitar que continuem os fatores gerados de violência.

³³ Encuentros Regionales para la Paz. La construcción de la Paz, desde los territorios, p.18.

³⁴ É o lema que se repete nas manifestação, quando o povo ia à rua para protestar pela falta de paz. Trata-se da capitalizar o conceito para aprofundar os processos de paz individual e comunitária

CONCLUSÃO

A pesar de tantos anos de guerra, temos a sensação que a paz não é uma aspiração impossível. O povo colombiano que pede a gritos a paz, tem bases espirituais, morais e culturais para enfrentar este desafio. Sentimo-nos comprometidos com o processo da paz, a partir de uma proposta ético religiosa queremos construir e afiançar a paz. Uma proposta que procura antes de mais nada apagar a dicotomia entre fé e vida: trata-se de evitar uma fé de seja reduzida apenas ao ritualismo. Mais que silenciar os canhões da guerra é armar os corações das pessoas para viver reconciliados. Trata-se de fomentar a cidadania cristã (vocês estão no mundo, mas não são do mundo), promovendo uma cultura cristã, que é a civilização do amor, contra a cultura da morte. Porque nosso Deus é o Deus da vida e não da morte. A promoção da civilização do amor nos lembra que o inferno não são os outros³⁵ e que devemos sentirmos responsáveis da vida dos demais. O sangue do irmão clama contra você. Não podemos seguir eludindo ao outro: “acaso sou o guardião de meu irmão”. Isso não vale num processo de paz.

³⁵ Ao contrário de Jean Paul Sartre, para quem o inferno são os outros.